

Questão 2

Em 1415 começa a expansão marítima portuguesa sob o patrocínio da Casa de Avis, casa real com fortes laços com a incipiente burguesia lusa. Apesar de ter sido pioneiro nessa expansão e ter conquistado possessões ao redor de todo o planeta, Portugal logo perdeu a preponderância para outras nações europeias, como a Espanha, Holanda, Inglaterra e França. Vamos analisar mais detalhadamente esse processo.

Se, no início do século XV, os objetivos eram mais cruzadísticos (combater os mouros no norte da África) e comerciais na própria África, ao longo do século, principalmente após a tomada de Constantinopla, a ideia de encontrar o caminho para as Índias começará a se delinear, alcançando este objetivo com a famosa chegada de Vasco da Gama em 1498. Nesta data Portugal já possui inúmeras feitorias no continente africano, como Arguin, São Jorge de Mina, Axim, Apulá, entre outras, onde comercializavam ouro, escravos, marfim, pimenta e outros produtos. Logo, Portugal unia o século XVI como a principal potência europeia. Nesse data, os outros reinos ainda estão em vias de unificação e pouco possibilitados de tal empreitada.

A Espanha segue Portugal no expansionismo marítimo logo após a sua unificação em 1469, tendo patrocinado Cristóvão Colombo em 1492, momento em que o navegador genovês chega à América. Se os primeiros anos dessa descoberta não se mostrar infuturos, logo são encontradas grandes fazendas de ouro e prata dentro dos impérios Asteca e Inca, colocando o

império espanhol na liderança da ~~império~~ ~~européia~~ ~~na~~ segunda metade do século XVI.

Como as relações com os soberanos indianos nunca foram amistosas e o comércio de especiarias revelou-se oneroso ao longo dos anos, Portugal voltou-se para a colônia descoberta em 1500, cujo território quase perdeu para franceses e ingleses na primeira metade, ~~depois~~ ~~depois~~ ~~depois~~ estendendo-se à segunda metade do século XVI.

O início da colonização efetiva do Brasil e a solução açucareira aumentaram a demanda por mão de obra, fazendo com que Brasil e África ~~depois de descoberto~~ passassem a ter relações indissociáveis. Não nos cabe estudar no escopo desse texto as razões da substituição gradual (mas não o completo fim) de mão de obra escrava indígena pela africana, nem estudar o porquê do uso de cativos. Mas quando pensarmos em Império Ultramarino Português, não podemos deixar de lembrar dessas duas partes do todo, a zona produtora de matérias-primas e a zona reprodutora de mão de obra, como nos recorda Luiz Felipe de Alencastre no seu *Trato dos Viventes*.

Essa lembrança nos leva à "União Ibérica", ou seja, dinastia portuguesa na qual a Espanha, sob a égide do Império Habsburgo, mais poderoso da época, passa a governar Portugal após seu soberano ter desaparecido sem deixar herdeiros. Portugal era um reino quase politicamente neutro no cenário europeu. Após a União Ibérica esse posicionamento deixa de ser possível e o pequeno reino herda os inimigos do Império Habsburgo. A maior consequência para Portugal será a perda de inúmeras vitórias na

África e na Ásia, além de grande parte da região
agrícola do nordeste brasileiro para a Holanda,
na época em guerra de independência contra o
Império. Quando termina a União Ibérica em 1640,
o reino está falido e um a maior parte de suas
antigas possessões. O tráfico negreiro, ~~cessa~~ produção
e comercialização de açúcar, negócios nos quais
o reino antes praticamente não tinha concorren-
tes, passara ser realizados por holandeses, ingleses e
franceses, fazendo com que o país nunca mais re-
tornasse ao posto de potência. É nessa época que
começa sua dependência em relação à Inglaterra,
que emprestou dinheiro para o país se reerguer,
inclusive financiando as fortes indenizações exigi-
das pela Espanha e pela Holanda. Esse processo ul-
timaria nos tratados de comércio e navegação, onde
o ouro brasileiro seria todo escoado e na posterior
ajuda britânica na fuga da Família Real Portuguesa
para o Brasil e as taxas alfandegárias privilegiadas
para os ingleses. ~~Portanto, por~~

Portanto, podemos perceber que de promissora potên-
cia marítima e chefe das mares no século XVI e
início do XVII, Portugal passa a reino dependente
e subordinado à Inglaterra nos séculos XVIII e XIX.

Questão 3

Hoje vivemos num mundo imediatista. Quase
tudo que se quer ler, ouvir ou ver está a um toque
das nossas mãos, num aparelho que praticamente
todos têm ou conhecem alguém que tenha. Esse fenô-
meno mudou completamente a relação das novas
gerações com os bens culturais e também com o
tempo. Este é o aqui e agora. Logo, ao abordar o

tema cultura e movimentos sociais entre 1945-64, acho fundamental abordarmos essas duas frentes de percepção do tempo e da cultura de massa. Com relação aos movimentos sociais, abordar a noção de utopia também é fundamental. Pelo que lutamos hoje? Onde queremos chegar? As novas gerações não conseguem responder tão claramente quanto a geração de meados do século passado. Por último, acho importante destacar a centralidade do trabalho na nossa sociedade e como ele se reconfigurou nos últimos 70 anos, mudando completamente a relação do trabalhador com o seu pertencimento e, conseqüentemente, com seus meios de representação, os sindicatos. No contexto estudantil, analisar o próprio papel da UNE e a centralidade que ela assumia no campo cultural estudantil da época.

Caso o tema fosse abordado em termos de 9º ano, creio que o professor teria que começar direcionando mais o trabalho. Ler áudios de programas de rádio, ~~com~~ complementando com textos sobre a importância desse meio de comunicação na época. A seguir, exibição de TV com umas das festas da canção. Pedir aos alunos para entrevistarem alguém idoso da família, com questionamentos sobre o acesso à cultura: quem tinha TV em casa? E aparelho de disco? Quantos podiam comprar os discos dos seus ídolos? Quanto tempo se esperava? O acesso às músicas famosas seria através do rádio? A seguir, pedir que levassem um áudio ou vídeo de uma música muito famosa da época. Como são abordados vinte anos, pedir a cada 5 anos. Todos sairiam em sala e sairiam com a missão

de pesquisar os estilos musicais. Assim, poderia chegar ao samba, à boss nova, à jovem guarda, ao tropicalismo, entre outros. Pesquisar imagens e contextualizar com o momento político-econômico do país seria um passo importante. A boss nova no contexto do otimismo da década de 1950 e valorizações da nacionalidade; a valorização do ritmo do samba nesse estilo e a chegada à Zona Sul do Rio de Janeiro, provocando um "embranquecimento" do ritmo e consequente valorizações na sociedade racista em que vivemos; a crítica à alienação política da jovem guarda e a antropofagia tropicalista na arte.

Para abordar a centralidade do UNE, o movimento de participação dos estudantes e a centralidade dos sindicatos, seria interessante que o professor trouxesse antigos manchetes de jornal da época e os alunos analisassem o seu conteúdo. Para finalizar o bloco, abordar o Comício da Central do Brasil promovido por João Goulart e as freiras políticas que estavam presentes naquele momento. A culminância poderia ser um dia de exposição sobre o período, no qual cada grupo de alunos tenha se aprofundado mais num aspecto do tema.

Questão 1

Existe a expressão varada no imaginário político brasileiro que "Vargas era pai dos pobres, mas mãe dos ricos". Isso se deve, entre outras razões, pela Consolidação de Leis Trabalhistas (CLT) não ter se estendido aos trabalhadores rurais. No momento em que elas foram sancionadas, isso foi realmente uma não declaração de

gravação aos latifundiários, já que a maior parte da população brasileira vivia e conseqüentemente, trabalhava no campo. As garantias que os trabalhadores rurais tem hoje sancionadas em lei são resultado de um longo e doloroso processo de luta, sendo que o maior direito, a reforma agrária, até hoje não foi realizada.

Os longo das décadas de 1940 e 1950 foram organizadas as ligas camponesas, cujo principal objetivo era a reforma agrária. Elas foram muito fortes no sul e nordeste do país.

No início de década de 1960, com a radicalização política pré-golpe, elas tiveram um papel fundamental para que João Goulart aprovasse o Estatuto do Trabalhador Rural, ampliando as conquistas dos trabalhadores urbanos aos rurais. Uma dessas conquistas era a autorização para existirem sindicatos rurais, antes proibidos. Após a aprovação da lei, o número de sindicatos rurais explodiu, chegando a 1500 às vésperas do golpe. A reforma agrária era, talvez, a principal reforma de base pretendida por Jango. Algumas lideranças pretendiam uma reforma mais branda, através de lei, mas outras, como Francisco Julião, pregavam que a reforma agrária deveria acontecer "na lei ou na marra".

A ditadura civil militar instaurada em 1964 atropelou esse processo de conquista de direitos, perseguindo, prendendo e matando líderes e tornando os sindicatos ilegais. Se a ditadura só aparecer mais fortemente para as classes médias após 1968, os trabalhadores já sentiam o peso de seus cadafalsos desde o dia seguinte ao golpe.

Foi apenas a partir do fim da década de

Em 1970 que os trabalhadores rurais voltaram a conseguir se organizar, por vezes exércios como a guerrilha do Araguaia. O início da década de 1980 marca a fundação do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), fundamental na luta pela reforma agrária e pela agricultura sustentável nos últimos 40 anos. Como o meio rural no Brasil ainda é controlado por oligarquias que detêm o poder local, a organização desses trabalhadores é uma luta pela soberania, com massacres e assassinatos e por vezes de sangue em história.